

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ – REITORIA DE PESQUISA E PÓS – GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**ANÁLISE DO DESTINO DE PRODUTOS DESCARTÁVEIS (LIXO) DE
ALGUMAS FAMÍLIAS RESIDENTES EM ÁREAS RURAIS DO
AMAZONAS**

Bolsista: Luciano Felipe Rodrigues Braga, CNPq

MANAUS – AM

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ – REITORIA DE PESQUISA E PÓS – GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB – H – 082/2009

**ANÁLISE DO DESTINO DE PRODUTOS DESCARTÁVEIS (LIXO) DE
ALGUMAS FAMÍLIAS RESIDENTES EM ÁREAS RURAIS DO
AMAZONAS**

Bolsista: Luciano Felipe Rodrigues Braga, CNPq

Orientadora: Professora Dra. Raquel Wiggers

MANAUS – AM

2010

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. DESENVOLVIMENTO.....	12
2.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.2. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA.....	16
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	18
4. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	44
5. REFERENCIAS.....	47

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de analisar a geração de lixo e seu destino no meio ambiente. A pesquisa analisa a produção lixo em relação aos produtos com embalagens de fácil descarte do meio rural e urbano do Estado do Amazonas – Brasil. Essa pesquisa busca analisar as consequências da modernidade fazendo uma comparação dos modos de vivência das populações tradicionais com o meio urbano de Manaus e Manacapuru com absolvição de produtos com embalagens inorgânicas das populações tradicionais do centro urbano em relação às comunidades de São Francisco do Paróa, Nossa Senhora das Graças e Vila do São Jorge na localidade de Membeca observadas na pesquisa de campo.

ABSTRACT

This research aims to analyze the generation of waste and its fate in the environment. The research examines the production waste for products with packaging for easy disposal of rural and urban areas of the State of Amazonas - Brazil. This research explores the consequences of making a comparison of modern modes of living populations with the urban areas of Manaus and Manacapuru with acquittal of packaging products with inorganic traditional populations of the urban Center to the communities of São Francisco of Paroa, Nossa Senhora das Graças and Vila de São Jorge in the town of Membeca observed in field research.

1. INTRODUÇÃO.

Este trabalho de conclusão de curso propõe uma análise sobre o descarte e o destino do lixo inorgânico¹ de algumas famílias moradoras em comunidades rurais² do Amazonas. O objetivo desta pesquisa é descrever sobre o consumo e o destino de lixo dos moradores através de observação participante do descarte e do destino do lixo de moradores de algumas comunidades rurais através de pesquisa de campo. Esta pesquisa busca fazer uma etnografia do destino de resíduo inorgânico dos moradores sobre o meio ambiente de algumas comunidades rurais do Amazonas. Este pesquisa começou com projeto de PIBIC³ através de entrevistas e observações de moradores da cidade de Manaus a qual foi feita uma análise sobre os sentidos de ordem e desordem, limpeza e sujeira (DOUGLAS, 1976; GAUER, 2005) em relação ao descarte e destino de lixo.

Nesta pesquisa proponho uma análise do descarte e destino do lixo por famílias moradoras em comunidades rurais do Amazonas. Foram feitas pesquisas de campo em comunidades rurais situadas na área da várzea⁴ dos municípios de Manacapuru e Caapiranga entre os anos de 2009 e 2010. Em Manacapuru me hospedei em casa de família nas comunidades de São Francisco do Paróia e Nossa Senhora das Graças, e em Caapiranga na comunidade de Vila de São Jorge na localidade de Membeca.

¹ Resíduos inorgânicos de papel, plástico, vidro e metal, a qual são os materiais usados em embalagens de fácil descarte que duram um elevado tempo para se decompor.

² Povos da Amazônia rural atualmente estão, na sua maioria, organizados socialmente em comunidades, onde a escola, a igreja e o posto de saúde são os principais aglutinadores das famílias e das casas. A definição do conceito de povos tradicionais – ou populações tradicionais – surge no ensejo desta discussão primordialmente política, de definição dos direitos de grupos humanos de viverem nas terras que tradicionalmente ocuparam e trabalharam (WIGGERS, 2009).

³ Programa de Institucional de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas.

⁴ Áreas úmidas que são periodicamente inundadas pelo transbordamento lateral dos rios e lagos, promovendo interações entre os ecossistemas aquáticos e terrestres.

Esta pesquisa baseia-se na teoria de Mary Douglas que analisa o fenômeno religioso entre os povos Brâmanes da África sobre os aspectos de sujeira e limpeza, ordem e desordem, sagrado e profano e de Ruth Gauer a qual buscou através da teoria de Mary Douglas analisar os sentidos de ordem, desordem, pureza e impureza sobre o comportamento social da civilização moderna, de convenções disciplinares como as regras de etiquetas, a busca pela ordem, pela limpeza, pureza e em seguir um padrão de comportamento, a busca pela beleza ligada à limpeza do corpo e procurando sempre “se livrar” de todos os modos de desordem e sujeira.

As noções de comportamento social em relação aos modos de “se livrar” de todo e qualquer “perigo” em relação à desordem, a sujeira e impureza da residência, do corpo e a configuração da exclusão de todo e qualquer lixo em relação para manter a assepsia da casa, para manter a ordem no nosso meio social que pode ser percorrido através da pesquisa de campo qualitativa da observação dos moradores das comunidades rurais. As noções de higiene ao comportamento social do meio urbano podem ser descrito fazendo uma comparação do meio rural e urbano sobre os sentidos de limpeza e sujeira em relação ao lixo, principalmente aos resíduos inorgânicos, os descartáveis. Nesta pesquisa o lixo descartado nas comunidades pode ser caracterizado como uma maneira de manter a comunidades limpa, colocá-la em ordem, se livrando de toda e qualquer sujeira e desordem, deixando o corpo, a casa limpa, higiênica, o quintal das residências limpos, capinados, etc.

Diremos que se o impuro é o que não está no seu lugar, devemos abordar-lo pelo prisma da ordem. O Impuro, o poluente, é aquilo que não pode ser incluído se quiser manter esta ou aquela ordem. (DOUGLAS, 1976).

A pesquisa empírica investiga sobre os aspectos de limpeza, sujeira, ordem e desordem e sobre a ausência de qualquer perigo em relação ao fácil descarte e o destino do lixo das famílias entrevistadas nas comunidades rurais dos municípios de Manacapuru e Caapiranga. O lixo configura-se como perigo, *o que não está no lugar*, à busca pela limpeza.

Essa análise buscou entender a relação que as pessoas têm sobre esses tipos “lixos”, sobre a assepsia do corpo, a repulsa da desordem, do impuro, do sujo, onde as pessoas tendem a procurar sempre seguir um padrão de comportamento, como as regras de etiquetas.

A sujeira é um fato que nos repugna, temos horror a certos tipos de sujeira, passamos pensando o quanto é importante a limpeza, a pureza e a ausência de qualquer perigo. Tudo o que nos cerca deve estar imune à contaminação e à impureza, mesmo as mais microscópicas. A ordem está colada à organização: todas as coisas em seus lugares e todos os lugares com suas coisas igualmente ordenadas e purificadas. (GAUER, 2005)

A pesquisa usa os aspectos de limpeza e sujeira, ordem e desordem sobre os comportamentos sociais de moradores de áreas rurais das comunidades entrevistadas em relação ao descarte e destino do lixo. De acordo com Gauer nossa civilização está sempre procurando se afastar de todo tipo de sujeira, perigo, desordem e impureza do nosso meio, buscando sempre a ordem, a beleza a limpeza das coisas e dos lugares, procurando se afastar de todo e qualquer tipo de desordem e sujeira.

A obsessão pela limpeza é configurada pela disciplina. Nada mais importante para essa obsessão que a busca desesperada pelo modelo que retrate a limpeza, normalmente associado ao belo. A beleza está vinculada à aparência de limpeza do corpo, o qual deve estar livre de impurezas. A estética, nomeadamente no século XIX, colou a limpeza de tal forma que se tornou uma obsessão (GAUER, 2005).

De acordo com RODRIGUES (1992) os desejos e produtos adquirem um significado simbólico na nossa cultura Ocidental moderna, aonde a sensação de “nojo” pode estar ligada intrinsecamente com os sentidos que as pessoas têm em relação às percepções de sujeira em relação ao lixo produzido na residência e a aparência do meio social.

O significado simbólico dos produtos e dejetos corporais, estudos que trataram especialmente daquelas excreções que em nossa cultura Ocidental são passíveis de suscitar a sensação de “nojo”, uma vez que quase todos são, como o lixo, invariavelmente ligados a sujeira”. (RODRIGUES, 1992:179).

A pesquisa feita nas comunidades rurais de Manacapuru e Caapiranga mostra como são os modos de vivência e de relação de produção entre as sedes dos municípios com as comunidades rurais, fazendo uma observação dos modos de vivência dos moradores da área rural em relação ao consumo de produtos com embalagens de fácil descarte nas comunidades. Os moradores das comunidades compram uma parte do seu alimento em comércios das sedes e da comunidade como comida enlatada e comida instantânea. O material para trabalhar na pesca e no roçado os moradores compram na sede da qual conseguem extrair sua renda financeira.

Os moradores vendem a produção do roçado na sede do município e com o dinheiro compram alimentos em supermercado e feiras e materiais para o trabalho como rede e linha de pescar, caixas de isopor, vara de caniço, telhas, moto-serra, terçado, óleo diesel para motor de luz, motor de rabeta⁵ e de moto-serra, utensílios domésticos, roupas, etc. em comércios próximos ao porto da sede e usam os serviços de bancos, loterias, etc.

Conversei com alguns passageiros na ida e na vinda no barco recreio que faz o percurso pelo rio Solimões para as comunidades de Manacapuru e Caapiranga. A comunidade de São Francisco do Paróa e Nossa Senhora das Graças localizam-se à uma hora indo pelo rio Solimões. Para ir a Membeca o barco tem que ir pelo rio Manacapuru, o percurso indo de barco recreio⁶ dura em média oito horas saindo da sede de Manacapuru.

A pesquisa busca analisar sobre o destino do lixo em comunidades rurais, sobre os modos de vivência do meio urbano da cidade de Manaus e Manacapuru com as comunidades rurais observadas, fazendo assim uma comparação dos modos de *estilo de vida tradicional*

⁵ Rabeta é uma canoa com um motor que funciona com gasolina ou diesel dependendo da marca. Os moradores usam na maioria das vezes para travessias longas.

⁶ São barcos que tem uma rota pelos rios, aonde transita com os moradores das comunidades para as outras sedes dos municípios.

(TORRES, 2005) e consequências da modernidade (GIDDENS, 1992) em relação ao consumo de produtos descartáveis e o destino de lixo.

A comparação do meio rural e urbano em relação ao consumo de produtos com embalagens de fácil descarte proporcionará refletir sobre a produção do lixo e seu destino no meio ambiente observado na pesquisa de campo do trabalho. Essa pesquisa proporciona uma observação aos modos de consumo das comunidades rurais em relação ao consumo de produtos com embalagens de fácil descarte onde os moradores enterram as embalagens de metal e vidro no lixão comunitário e no quintal da casa, o lixo de papel e plástico é destinado em buracos que o queimam quando está cheio, a qual foi observada em pesquisa de campo. Essas percepções mostram que as pessoas entrevistadas e observadas nas comunidades enterram e queimam seu lixo, enterram embalagens de metal e vidro e queimam plástico e papel e derivados. Os órgãos municipais das sedes de Manacapuru e Caapiranga orientam os moradores das comunidades para não jogar os resíduos no rio e na mata e orientam-os a queimar e enterrar o lixo em buracos a qual se tornam lixões comunitários, esses lixões absorvem o lixo das escolas dos postos de saúde e dos moradores das comunidades.

Esta pesquisa propõe fazer uma análise das características e consequências da modernidade (GIDDENS, 1992) a qual fala sobre a diferença de temporalidade das coisas sobre as comunidades tradicionais e o meio urbano, observando a vivência dos moradores sobre o consumo de produtos descartáveis, a produção de lixo e seu destino no meio ambiente dos municípios estudados.

A observação da entrada de produtos descartáveis nas comunidades estudadas mostra quais produtos são utilizados e consumidos pelos moradores, onde esses produtos são utilizados para o trabalho da pesca, do roçado, para extração de árvore e para o convívio dos moradores. Entender o consumo de produtos descartáveis pelos moradores do meio rural e seu destino proporciona uma reflexão sobre a sociedade moderna e suas consequências através do

consumo de mercadorias e geração de lixo (BAUMAN, 2008) principalmente de produtos que são consumidos e tem o fácil descarte como assinala Bauman que argumenta que nossa sociedade cria bens para serem descartados antes mesmo de serem “lançadas” no mercado tornado-se lixo prematuramente e gerando um lixo farto.

A maioria dos bens valiosos perde seu brilho e sua atração com rapidez, e se houver atraso eles podem se tornar adequados apenas para o depósito de lixo, antes mesmo de terem sido desfrutados. (BAUMAN, 2008)

Lipovetsky usa o termo efêmero para mostrar a lógica econômica sobre todo ideal de “permanência” dos produtos no mercado a qual a ordem econômica governa a produção e o consumo dos objetos, uma espécie de produção em massa de produtos feitos para durar menos, tendo curta duração, sendo descartáveis prematuramente, criando sempre produtos “novos”, “lançamentos” para suprir a demanda de produtos da sociedade moderna.

Pensamos menos em todos esses produtos estudados para não durar – lenços de papel, fraldas, guardanapos, garrafas, isqueiros, aparelhos de barbear, roupas baratas – do que no processo geral que obriga as firmas a inovar, a lançar continuamente novos artigos de concepção inédita, ora é o mais frequente. (LIPOVETSKY, 1989)

Hamida estudando o município de Cacau Pirêra sobre os modos de vida tradicional e moderno mostra que configuração socioeconômica dos moradores do entorno do porto de Cacau Pirêra revela que evidenciam a coexistência de elementos tradicionais e modernos, em meio à cultura de fronteira, presentes na vida dos moradores. As formas de trabalho, as organizações familiares entre outros dados, dão provas de que a realidade em Cacau Pirêra está em constante modificação. A cidade introduz novos hábitos, ao mesmo tempo em que são mantidos outros tantos largamente. O tradicional e o moderno fazem parte do mesmo todo na fronteira da vida. (PEREIRA, 2006:160)

Essa fronteira dos modos de vida das populações tradicionais com o meio urbano mostra o sentido que a cidade introduz como novos hábitos como comprar alimentos como frango congelado, comida instantânea e comida enlatada, ao mesmo tempo em que almejam comprar produtos “mais modernos” como ar condicionado e motor de rabeta mais potente que consomem gasolina, pois o motor funciona com melhor rendimento.

Analisando Berman em relação à visão marxista do comportamento da sociedade moderna da produção de mercadorias, operários *versus* capitalistas, produção econômica de massa, aonde a demanda da produção da indústria, o crescimento e o progresso da ordem econômica funcionando como uma pressão sobre as pessoas. Na perspectiva marxista como suas energias, intuições e ansiedades, mas características brotam dos movimentos e pressões da moderna vida econômica

...de sua insaciável demanda de crescimento e progresso; sua expansão dos desejos humanos para além das fronteiras locais, nacionais e morais; sua pressão sobre as pessoas no sentido de explorarem não só aos outros seres humanos, mas a si mesmas; a volubilidade e a interminável metamorfose de todos os valores no vórtice do mercado mundial. (BERMAN, 2007:147)

Berman argumenta que a produção capitalista cria um progresso com a produção de massa de mercadorias através dos desejos e valores morais de consumo da sociedade, criando uma volubilidade das mercadorias e mudando os valores em relação ao mercado mundial. Essa volubilidade cria a variabilidade de tipos de novas embalagens, aonde os produtos “têm” um prazo menor de uso, devido a rotatividade da produção nas indústrias tendendo sempre a crescer.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Mary Douglas (1976) faz um estudo dos sentidos de pureza e impureza, ordem e desordem, limpeza e sujeira, sagrado e profano em relação à religião dos povos Brâmanes na África, aonde Gauer (2005) faz uma adaptação desse texto ao sentido de modernidade, estética e beleza, convenções disciplinares, como as regras de etiqueta, e sentidos de repulsão a todo e qualquer perigo, a busca pela assepsia e se “livrar” de toda e qualquer “sujeira” – lixo. Se afastar da desordem, do impuro, e buscando sempre o puro e o belo. Gauer argumenta que

A sujeira é um fato que nos repugna, temos horror a certos tipos de sujeira, passamos pensando o quanto é importante à limpeza, a pureza e a ausência de qualquer perigo. Tudo deve está imune à contaminação e a impureza. A ordem está colada à organização: todas as coisas em seus lugares com suas coisas igualmente ordenadas e purificadas (GAUER, 2005).

Na concepção de Gauer podemos entender que a sociedade criou comportamentos, costumes e conceitos a respeito do que é belo, moderno, prático e acessível aos padrões da sociedade moderna, uma espécie de leis, onde devemos nos adaptar a padrões e nos purificar em relação a todo tipo de sujeira. Gauer completa seu argumento no sentido de entender que nossa civilização criou uma obsessão pelos padrões estabelecidos ao longo do tempo no sentido de garantir uma total assepsia tanto do corpo quanto do meio social, criando assim uma concepção de limpeza e pureza.

A obsessão pela limpeza é configurada pela disciplina. Nada mais importante para essa obsessão que a busca desesperada pelo modelo que retrate a limpeza, normalmente associado ao belo. A beleza está vinculada à aparência de limpeza do corpo, o qual deve estar livre de impurezas. A estética, nomeadamente no século XIX, colou a limpeza de tal forma que se tornou uma obsessão (GAUER, 2005).

A busca obsessiva pela limpeza, ordem e pela beleza através da aparência do corpo, e do meio a qual as pessoas vivem, a qual a presente pesquisa faz o estudo sobre esses sentidos em relação ao descarte e destino de lixo aonde pode ser configurado como sujeira, impureza e está fora de qualquer ordem, faz com que as pessoas tenham que se livrar o mais breve possível dos resíduos mantendo uma “idéia” de assepsia de higiene e de ordem com o “seu” meio social. Os sentidos de estética mostra como as pessoas podem torna-se “bonitas” e “limpas” em relação ao corpo se afastando de todas as impurezas. O modelo de limpeza está associado pelas convenções disciplinares como as regras de etiquetas tão usadas no nosso meio social. (DOUGLAS, 1976; GAUER, 2005)

Giddens (1991) cunha o termo conseqüências da modernidade para demonstrar a temporalidade dos acontecimentos na sociedade moderna de ordem econômico-capitalista advindo das relações de globalização da produção de coisas e principalmente da informação.

A vida social é ordenada através do tempo e do espaço – na problemática do distanciamento tempo-espaço. A estrutura conceitual do distanciamento tempo-espaço dirige nossa atenção as complexas relações entre envoltórios locais. (GIDDENS, 1991:69)

As conseqüências da modernidade em relação aos modos de vivência do meio rural e urbano a qual a configuração do meio social muda a partir da temporalidade dos acontecimentos entre a vida urbana e rural, Giddens mostra que toda reprodução econômica do capitalismo é “reprodução expandida”, de ordem econômica a qual não pode permanecer num equilíbrio mais ou menos estático, como era o caso na maioria dos sistemas tradicionais. A emergência do capitalismo procedeu ao desenvolvimento do industrialismo de produção em massa das mercadorias. (GIDDENS, 1992:67). Giddens argumenta a emergência da produção econômica do capitalismo da sociedade moderna em caráter de reprodução expandida das

coisas procedeu ao desenvolvimento da produção industrial sem um caráter de equilíbrio “estático” a qual acontece nas sociedades tradicionais.

Bauman (2008) analisa a sociedade moderna como a vida social para o consumo, nossa sociedade possui um fenômeno de consumo através de novas exigências de necessidades as quais exigem uma variabilidade de novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos. O advento do consumismo criou uma nova ordem na indústria de larga escala, pois com a demanda de sempre criar novos produtos, criou-se também uma “obsolescência embutida” aonde as mercadorias teriam baixa durabilidade, tornando-se cada vez mais descartáveis o que cria uma “grande indústria” de geração e remoção de lixo.

Novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos; o advento do consumismo augura uma era de “obsolescência embutida” dos bens oferecidos no mercado e assinala um aumento espetacular na indústria da remoção do lixo. (BAUMAN, 2008)

Através da produção de embalagens de fácil descarte na sociedade moderna a que advêm estudar esses “lixos” em áreas rurais e o seu destino aonde pode-se fazer uma comparação dos modos de vivência moderna das sede de Manaus e Manacapuru e tradicional das comunidades de São Francisco do Paróa e Nossa Senhora das Graças de Manacapuru e Vila do São Jorge na localidade de Membeca de Caapiranga em relação ao destino do lixo no meio ambiente, visto que os moradores queimam e enterram o lixo de resíduos inorgânicos.

Lipovetsky (1989) mostra através do sentido de efemeridade do comportamento do fenômeno da moda que ele considera que tenha surgido na França no começo do século XVII em relação à produção econômica de produtos em larga escala, uma necessidade da produção capitalista de criação de uma variedade de produtos para atender uma sociedade de consumo aonde os produtos tem seu fácil descarte na sociedade moderna.

A ordem burocrático-estética comanda a economia do consumo agora reorganizada pela sedução e pelo desuso acelerado. A indústria leve é uma indústria estruturada com a moda. A era do consumo coincide com esse processo de renovação formal permanente, tendo como objetivo provocar uma dinâmica do desenvolvimento e revigorar o mercado. (LIPOVESTSKY, 1989)

Lipovetsky observa que a ordem da produção das mercadorias está ligada a ordem de produção da mercadoria em escala industrial aonde é uma emergência do sistema capitalista de criação e produção de novos e modelos de embalagens de fácil descarte na sociedade moderna, atender a sociedade de consumo através da variabilidade de alternativas e da renovação permanente de produtos lançados no mercado.

2.2. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Na pesquisa foram feitos levantamentos bibliográficos de textos com abordagem antropológica e sociológica do meio urbano e rural, sentidos de modernidade e tradicional, de consumo e da questão do lixo, sobre a sociedade capitalista da produção de produtos de fácil descarte pelas indústrias com o propósito de consumo em larga escala. Os textos foram extraídos de livros e da *web* pelo *site Google Acadêmico* para construir o corpo teórico da pesquisa.

Foi feita pesquisa de campo nas comunidades de São Francisco do Paróá, Nossa Senhora das Graças e em Vila do São Jorge, onde fiquei hospedado nas residências das famílias para fazer a pesquisa empírica das vivências dos moradores. Conversei informalmente com alguns moradores, fiz entrevistas com gravador de voz com alguns moradores, tirei fotografias do meio social das comunidades, dos moradores com as

mercadorias que transitam entre as comunidades pelo barco. Tirei fotografias dos locais de despejo dos lixões das comunidades, dos resíduos descartados pelas residências, do descarte dos resíduos no rio, no barco, fotografias de sacos de lixo separando as embalagens plásticas no barco e nas casas das comunidades na viagem, do lixão da sede de Manacapuru, etc. Utilizei caderno de campo para anotar as observações empíricas e as conversas informais com os moradores.

O trabalho de campo foi realizado a partir de entrevistas e observação participante. A observação participante propicia o encontro etnográfico – que é a relação face-a-face do pesquisador com os observados, o momento em que, segundo Becker (1993), o pesquisador observa as pessoas para ver as situações, é também uma oportunidade de conversar com alguns ou todos os participantes da situação observada com o intuito de descobrir quais são as suas interpretações e respeito do acontecimento. Neste caso, o pesquisador não precisa somente entrevistar formalmente os sujeitos, situações espontâneas de conversa também são importantes para obter informações e aproximar-se dos sujeitos a fim de efetivar a pesquisa.

Desta forma foram feitas entrevistas com os membros das famílias que aceitaram participar da pesquisa, que pertençam às comunidades rurais do município de Manacapuru e de Caapiranga determinado pelo conhecimento das localidades dos colegas do curso de Ciências Sociais Luana Rodrigues e Rony Souza⁷ para poder me apresentar aos moradores das comunidades. O pesquisador apresentou-se como aluno do curso de ciências sociais da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, e neste momento foi pedida a autorização prévia das pessoas a serem entrevistadas, após a apresentação do pesquisador com a devida explicação sobre os objetivos e os métodos da pesquisa.

⁷ Luana Rodrigues me apresentou a comunidade de São Francisco do Paróa e Rony a de Nossa Senhora das Graças situadas pelo rio Solimões da sede de Manacapuru.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em fevereiro de 2009 conversei com uma aluna do mestrado de Antropologia Social⁸. Joice nasceu no município de São Gabriel da Cachoeira e veio morar em Manaus há pouco tempo para continuar seus estudos. Laíse me contou que no município de São Gabriel da Cachoeira não há coleta seletiva dos resíduos descartáveis pelo poder público, há somente um lixão aonde é despejado todos os resíduos produzidos no meio urbano do município.

Lá eu separava o alumínio, era fácil conseguir o alumínio, vira dinheiro, hoje em dia, todos fazem a coleta. Em Manaus eu jogava tudo junto no lixo, pois pensava que não havia quem recolhessem o lixo selecionado. Fiquei jogando três meses o lixo separado, separava o lixo, porém jogava para o lixeiro recolher. O lixo é seu, é costume de casa, sempre tivemos essa consciência, é de costume. Eu comecei separando eu vou continuar separando, se não desacostuma, levo meu lixo a cooperativa duas vezes ao mês. (Joice, Manaus, 2009)

Em São Gabriel da Cachoeira Joice não usava o lixão – buraco usado pelos moradores para depositar os resíduos descartáveis. Joice separava o alumínio para vender e completar sua renda, ela lamenta que em Manaus haja muitas pessoas que faz esse processo, o que a desmotivou a vender o alumínio, passando somente a separar o lixo orgânico do inorgânico para que a coleta do município recolha. Ela considera o ato de separar os resíduos um costume seu e da família, aonde o lixo é delegado para quem o produz, e não deve perder o costume da seleção dos resíduos. Sobre o “lixo” que ela recolhe

Tem que lavar tudo tem que ser um lixo limpo. Sou casada, tenho um enteado adolescente. Todos na minha casa têm essa consciência, o preparamos para criar essa consciência,

⁸ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas.

separamos mesmo que o fim não seja apropriado. Como vamos delegar para o outro o que é nosso? É muito íntimo, o lixo é seu não tem nada haver com os outros. Eu lavo o lixo inorgânico que levo para a cooperativa, o orgânico eu usava como adubo em São Gabriel da cachoeira, aqui em Manaus eu moro em apartamento, não tem como fazer, pois não tenho quintal, acabo jogando para a coleta de lixo da Prefeitura (Joice, Manaus, 2009)

Ela considera o lixo de sua residência algo íntimo seu e da família. É um costume recolher e selecionar seu próprio lixo, e esse costume “não interessa a ninguém” que não seja da sua família. Joice orienta os demais membros da família “o costume” da seleção dos resíduos, tornando-se uma “consciência” coletiva da família a atividade de separação do lixo inorgânico do orgânico. Essa intimidade faz com que ela e todos os membros da família criem essa consciência, mesmo em Manaus, pois se foi acostumada a fazer essa separação dos resíduos ela tem que continuar mesmo que o “fim não seja apropriado”. Em São Gabriel da Cachoeira ela jogava o lixo orgânico no quintal para usar como adubo, aqui em Manaus morando em apartamento, ela considera inviável por morar em apartamento e não ter quintal, fazendo com que somente separe o lixo para ser recolhido pela limpeza pública.

Sobre as embalagens de fácil descarte:

A gente tem uma dependência aos produtos descartáveis, não tem como, indo ao supermercado e levando uma sacola de pano, percebe-se que as mercadorias são embaladas por plásticos, papel, etc. Eu não estou salvando nada, apenas é uma forma de aliviar a consciência. (Joice, Manaus, 2009)

Joice separa os resíduos inorgânicos e “lava-os”, para torná-los um “lixo limpo” e poder levar para a cooperativa de reciclagem. Ela considera que somos dependentes das embalagens descartáveis, mesmo usando sacolas de pano no lugar das sacolas plásticas, e se sente impotente, sem “saída”, pois nos comércios e supermercados os produtos contêm

embalagens descartáveis. Ela faz essa separação dos lixos com a consciência de que não “está salvando nada”, mas como uma “forma de aliviar a consciência”.

As representações investigadas no PIBIC em relação ao meio urbano da cidade de Manaus com o sentido de “civilidade” e modernidade, a qual foi relacionada ao sentido de *pureza e impureza, ordem e desordem* (GAUER, 2005; DOUGLAS, 1976) e sentido de exclusão a tudo que é repugnante e de ausência de qualquer perigo (GAUER, 2005). Esses aspectos fizeram com que fosse proposto o estudo da “produção” e os destinos do lixo no meio rural. No caso da presente pesquisa está sendo analisado a exclusão e o destino do lixo com famílias moradoras em comunidades rurais dos municípios de Manacapuru e de Caapiranga.

Essa proposta de estudo do destino de produtos descartáveis propicia uma comparação dos meios de uso e desuso do meio urbano com o meio rural de produção e consumo de produtos de origem industrial que são de fácil descarte como o plástico, papel, e resíduos de metal e vidro, onde a pesquisa de campo nas comunidades rurais de Manacapuru e Caapiranga para investigar quais produtos com embalagens de fácil descarte são consumidos pelos moradores e mostrar qual seu destino.

O município de Manacapuru localiza-se distante 68 quilômetros da capital Manaus em linha reta por terra e 88 quilômetros por via fluvial é um dos principais municípios do estado do Amazonas com área total de aproximadamente 7.062 quilômetros quadrados tendo sua economia baseada na agricultura, extrativismo vegetal e pesca (SOUZA, 2010).

Situada ao longo do Baixo Solimões no município de Manacapuru, Estado do Amazonas/Brasil, a Comunidade São Francisco do Paróa é uma típica comunidade ribeirinha com seus conglomerados populacionais distribuídos ao redor de uma infra-estrutura comum

(sede social, igreja, e uma escola). A principal atividade econômica da comunidade é a agricultura familiar seguida da atividade pesqueira (TORRES e RODRIGUES, 2009).

A comunidade está localizada à margem do rio Solimões há 35 km do município de Manacapuru. Formada por aproximadamente 150 habitantes, tem como principais atividades agrícolas a plantação de mandioca, de macaxeira e de maracujá; plantação consorciada de feijão e mamão dentre outras. A pesca é também uma atividade central realizada pelos homens da comunidade. (TORRES e RODRIGUES, 2009).

A escolha da comunidade de São Francisco do Paróa para pesquisa de campo foi através do conhecimento da comunidade da colega Luana Rodrigues ⁹ a qual fui convidado por ela para conhecer a comunidade. A visita a comunidade de São Francisco do Paróa foi feita no mês de outubro de 2009. O município localiza-se no rio Solimões à uma hora de Manacapuru, fiquei hospedado por cinco dias na casa de Paulo, Maria e família.

Conversei com alguns moradores e percebi que as famílias jogam os resíduos no rio e na mata e onde havia um lixão comunitário a qual nos dias da minha visita ele não foi usado pelos moradores. Os moradores falaram que o rio “levou” o lixo do local. O lixo orgânico – cascas de frutas e verduras são usadas como adubo. O resto de comida é usado como alimento para os cachorros e gatos da família. O lixo inorgânico como plástico e papel e derivados são queimados nos terrenos das famílias. Os resíduos de ferro, alumínio e aço são enterrados no quintal das casas. As pilhas e baterias que são usadas em lanternas e rádios são recolhidas por agentes de saúde da sede de Manacapuru.

⁹ Luana Rodrigues é aluna do mestrado do PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas. Luana conhece a comunidade de São Francisco do Paróa e me apresentou a algumas famílias para fazer a pesquisa de campo.

A comunidade de São Francisco do Paróa foi afetada pela enchente¹⁰, que destruiu as casas de torrar farinha e o roçado de mandioca, frutas e verduras a qual os moradores vendem essa produção na sede de Manacapuru e provém de seu sustento. As famílias da comunidade compram os produtos de comércio dentro da comunidade e na sede da cidade. Com a destruição das casas de farinha e do roçado, os moradores passaram a comprar mais alimentos na sede de Manacapuru como frango congelado, comida enlatada e comida instantânea. As famílias passaram a se alimentar de pescas esporádicas e da farinha estocada para completar a alimentação devido ao fenômeno da enchente.

Visitei a comunidade de Nossa Senhora das Graças¹¹ no mês de abril de 2010. A comunidade tem a economia baseada na atividade de pesca, onde os moradores comercializam o “peixe liso” chamados de bagres como o “dourado” e o “surubi” na sede de Manacapuru e para outros municípios e prover o sustento da família. A comunidade Nossa Senhora das Graças é caracterizada como unidade de base coletiva, pois vivem das atividades de pesca comercial e subsistência. Além disso, os moradores praticam agricultura, pecuária, cultivo de malva e juta (SOUZA, 2010). Com uma população de 312 pessoas, distribuídas em 66 famílias (IBGE, 2000).

¹⁰ O rio Amazonas chegou ao seu nível mais alto e na vazante o mais baixo segundo dados históricos.

¹¹ A visita a comunidade com o auxílio de Rony Frutuoso é aluno do 8º período do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas e está fazendo a pesquisa de campo para a sua monografia em Nossa Senhora das Graças e me convidou para conhecer a comunidade.



Figura 1: Entrada da Comunidade de Nossa Senhora das Graças

Fonte: Pesquisa de campo, 2010

Os moradores de Nossa Senhora das Graças geralmente não comem o peixe que pescam, esse peixe é usado somente para venda, somente quando não tem a renda necessária para comprar alimentos acabam se alimentando do pescado. Rony me comenta que os moradores compram tudo que necessitam na sede de Manacapuru, desde roupas, produtos para a atividade da pesca e comida enlatada como sardinha, conserva, feijoada e frango congelado, etc. As famílias torram farinha no quintal e vendem carne de animais de caça para completar a dieta alimentar e a renda das famílias.

Na chegada a comunidade, vi muitas embalagens na margem do rio, como pets de refrigerante, sacos de arroz, feijão, açúcar, etc. Vi lixo jogado no chão em muitos lugares da “entrada” da comunidade como sacolas plásticas, garrafas descartáveis, embalagens de metal de alimentos como latas de conservas, feijoada e sardinha, etc. Caminhando através dos terrenos dos moradores estavam espalhados bois, vacas, galinhas, porcos e patos. Rony me contou que as galinhas, porcos e patos são dos moradores e que a maioria dos bois é de seu Carlito ¹², *“os bois que são da família servem como uma poupança, onde deixam engordando e se precisar é vendido para somar na economia da família”*.

¹² Seu Carlito é responsável pela igreja Assembléia de Deus da comunidade e segundo Rony é o pescador mais antigo e bem sucedido da comunidade.



Figura 2: Resíduos inorgânicos na entrada da comunidade Nossa Senhora das Graças.
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Sildomar me contou que a cheia não prejudicou a pesca e que a comunidade por possui a atividade da pesca dificilmente cria roçado. As casas da comunidade são de madeira, assim como as de São Francisco do Paróa e de Membeca. Sildomar me disse que os moradores queimam o lixo e não jogam os resíduos no rio e quem joga os resíduos no rio são alguns pescadores. Ele considera abusivo jogar lixo no rio, pois “ofende” o meio ambiente

O lixo a gente queima, mas têm alguns pescadores que jogam no rio enquanto pescam, esses são mal-educados, fomos educados pelo agente de saúde a não jogar o lixo na mata e no rio. (Sildomar, morador e pescador da comunidade)

Observei seu Sildomar e seu sobrinho na canoa recolhendo a malhadeira que havia colocado de manhã, a recolhida da rede durou quase uma hora. Sildomar nos contou que é muito difícil recolher-la sozinho, pois é muito longa, passando de cem metros de comprimento. Sildomar recolheu três peixes da espécie “dourado” enormes da rede, e de um compartimento dentro da canoa ele mostra outros cinco que havia pegado na primeira “jogada¹³” do dia.

¹³ A primeira rede é jogada no rio pelo pescador na madrugada e a segunda de tarde.



Foto 3: Seu Sildomar e o filho de sua irmã recolhendo a malhadeira com o peixe.
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

A luta política na cidade de Manacapuru tem influenciado a vida social dos moradores da comunidade. Sildomar nos contou que há dois ex-prefeitos disputando uma “cadeira” na prefeitura do município. Sildomar se refere à disputa política entre Ângelus Figueira que assumiu a prefeitura depois da cassação do mandato de Edson Bessa

Me sinto imundo com essa luta, esses dois ficam brigando por uma cadeira e a cidade ta abandonada, a cidade ta imunda, nunca vi tão suja, não falo daqui da gente do interior, mas acho que deveriam decidir logo isso. (Sildomar, morador e pescador da comunidade)

Na sede de Manacapuru conversei com Venâncio Silva Freitas responsável no momento pela Secretaria Municipal de Produção Rural e Abastecimento – SEMPRA, onde ele me disse que está sem banco de dados e as secretarias do município estão em formação de novo governo. Sobre o abastecimento das comunidades rurais pela sede de Manacapuru, ele argumenta que as famílias das comunidades compram a maioria dos alimentos que necessitam na cidade, alimentos enlatados como salsicha e conserva, e compram principalmente a farinha e o peixe que fazem parte da “dieta” das comunidades. Segundo ele todas as comunidades rurais compram alimentos na cidade e revendem nas comunidades em comércios flutuantes. A parte da várzea foi afetada pela enchente de 2009, destruindo as casas de farinha e o roçado

fazendo elevar o preço da farinha, pois os ribeirinhos ficaram sem a mandioca, frutas e verduras.

Venâncio argumenta que para a atividade da pesca a enchente foi positiva, pois o rio encheu a um nível tão alto que havia muito peixes e não houve intervalos de período do “peixe gordo”¹⁴ e a época da “ovada”¹⁵. Segundo Venâncio “para o pescador a enchente foi positiva, não houve intervalo durante o ano entre as épocas de peixe, tendo fartura durante o ano todo”. Entre junho e julho há o armazenamento dos peixes. Em 2009 não houve esse intervalo, os preços caíram e os feirantes que armazenaram os peixes tiveram que vender abaixo custo para não estragar a produção por causa da fartura.

Sobre o programa Zona Franca Verde¹⁶, ele me disse que é um financiamento da produção da agricultura para algumas famílias, onde é difícil consegui-lo e que também falta um corpo técnico para funcionar na prática, pois ele como engenheiro de pesca se mostra frustrado com a falta de pelo menos um técnico em agronomia na secretaria de produção rural do município. O programa financia a produção das comunidades para ser comercializado em feiras planejada na sede de Manacapuru e outros municípios. O programa Bolsa Floresta do Governo Estadual financia cinquenta reais para cada família não desmatar a floresta, o que ele acha ridículo, pois os pagamentos são feitos somente nas sedes dos municípios e a viagem longa onera mais que o benefício do programa para a retirada do dinheiro pelas famílias rurais distantes.

Venâncio comenta que o ribeirinho perdeu a “tradição” de fazer sua produção do roçado de subsistência por está abandonado pelo poder público, pois não recebe nenhum

¹⁴ Época em que os pescadores podem pescar todas as espécies de peixes. Acontece duas vezes ao ano.

¹⁵ Época em que os pescadores são proibidos de pescar, devido à fase de defesa do pescado.

¹⁶ Zona Franca Verde é um programa do Governo Estadual de incentivos agrícolas aos ribeirinhos das comunidades rurais do Estado do Amazonas.

incentivo para ajudar na produção agrícola. A enchente destruiu o roçado e as casas de farinha da maioria das comunidades rurais do Amazonas. O ribeirinho abandonado passou a completar sua alimentação na sede do município.

O ribeirinho abandonado na várzea compra frango congelado, ovos, salsicha, conserva em lata na cidade, deixou de plantar pela falta de perspectiva dos poderes públicos sem a falta de incentivo, perdendo assim a cultura de auto-sustentação da sua própria lavoura. (Venâncio, funcionário da Secretaria de Abastecimento rural da sede de Manacapuru)

As comunidades da várzea pós-enchente receberam trezentos reais do Governo do Estado, uma parcela de três que prometeram da ajuda as famílias rurais atingidas pela enchente e vazante, o que revoltou Venâncio, pois ele disse que deram a primeira parcela e não apareceram mais. Os moradores da comunidade visitados em Membeca me argumentaram que nunca receberam nada de Plano do Governo algum fato, pois os moradores das comunidades sofrem sem a assistência do poder público.

Em um comércio em frente ao porto fluvial que vende farinha em várias embalagens e tamanhos, onde perguntei sobre os preços, de onde vem e quem compra. A farinha vem de Belém do Pará em sua maioria e quem compra são as famílias das comunidades. O preço varia de acordo com a “qualidade” chegando a nove reais o kilo (o dobro do preço normal). A responsável pelo comércio culpa o fenômeno da enchente pelos altos preços da farinha e fez com que o ribeirinho que normalmente assa sua farinha, passasse a comprá-la, e essa farinha de Belém não é muito quista pelos moradores das comunidades, pois possui coloração forte clara, pois colocam corantes, a farinha “regional” é escura, melhor apreciada pelos ribeirinhos.

A cheia e a vazante fizeram com que as famílias das áreas rurais ficassem impossibilitadas de obter a renda necessária, pois as casas de farinha e o roçado foram destruídos. As famílias passaram a viver com dificuldades financeiras e com pouco alimento

sem a renda da produção, passando assim a estocar a farinha e pescar esporadicamente para se alimentarem. Outras famílias que possuem alguma renda compram seu alimento na sede do município.

Durante a viagem da ida a comunidade de Membeca conversei com o comandante do barco, sobre a rota e o que víamos durante a travessia do rio. Avistamos serralherias e troncos de árvores flutuando na beira do rio, para serem “trabalhadas”. Logo em seguida vimos uma comunidade chamada “Manaquiri” com casas “flutuantes” na beira do rio, ao menos oito casas de madeira, próximas um das outras, algumas pequenas, outras de dois andares.

Comandante do barco me contou que todo o lixo colhido no barco durante a viagem é recolhido e levado para “terra firme”. Vi um saco grande de cinquenta kilos com lixo de embalagens plásticas separado no barco, porém vi muitos passageiros do barco jogando no rio vários tipos de embalagens após o consumo. Em uma parada na comunidade “Ponta do açaí” foi visto pendurado na casa de uma família um saco grande com embalagens descartáveis separado.



Figura 4: Saca de lixo separado dentro do barco com embalagens inorgânicas
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Visitei a comunidade de Membeca em abril de 2010, onde me hospedei na casa de uma família por seis dias. Membeca situa-se a oito horas da sede Manacapuru, é uma “localidade” onde circunscreve outras comunidades e a casa da família que fiquei hospedado

situa na comunidade “vila de São Jorge”, onde é dividida pelo rio em duas partes. Hospedei-me na casa de Célia que mora com seu marido e cinco filhos, a qual fui apresentado por Stênio¹⁷. A outra parte da comunidade situa a escola, o posto de saúde, comércios e a associação dos produtores rurais da comunidade.

A comunidade de Membeca vivia com atividade de extração de madeira como atividade predominante, onde vendia a madeira para Manacapuru e outros municípios. A pesca é para subsistência das famílias. Fomos de rabeta atravessar o rio para ir ao comércio da comunidade. Fui com Stênio comprar comida nesse comércio grande a qual vende produtos variados como comida enlatada, frango congelado, sacos de alimentos de kilo, pilhas, utensílios domésticos, lata de óleo, peixe, bebidas alcoólicas, cigarro, etc.

A luz da comunidade é paga com a cooperação dos moradores no valor de doze reais para a Associação dos moradores que repassa a prefeitura de Caapiranga – que mantém politicamente e economicamente a localização de Membeca. Célia me conta que sua casa não foi afetada pela enchente, e que seu roçado não foi afetado por que o terreno do pai de Nêgo “é pra dentro da mata”, mas que algumas casas foram afetadas com a água do rio subindo até o teto. Ela ganha ajuda do programa “bolsa família” por causa dos três filhos pequenos.

¹⁷ Estênio mora na sede de Manacapuru, eu o conheci no barco e ele estava indo para a localidade de Membeca visitar a irmã de sua mãe que mora na Vila de São Jorge e me convidou para visitar a comunidade e eu ficaria hospedado na casa de Célia e Erivelton – Nêgo por seis dias.



Figura 5: Casa da família de Célia em Vila de São Jorge.
Fonte: pesquisa de campo, 2009.

Ela argumenta que a proibição do corte da madeira pelo IBAMA, “forçou” sua família a ter que sobreviver com a produção do roçado que é feita no terreno do pai de Nêgo. Esse terreno segundo ela localiza-se a uns 20 km de sua casa. Na época da vazante ¹⁸ dificulta o trabalho, pois ela e seu marido têm que atravessar o rio com a produção de mandioca e batata-cará nas costas andando. O casal planta a mandioca para assar farinha e vender em Manacapuru.

Com o rio seco Nêgo tem que carregar nas costas a mandioca andando, para trabalhar é ruim, mas para pescar é muito bom que o rio fica seco e fica melhor para pescar. (Célia, moradora da comunidade de São Jorge) .

Célia tem 32 anos e mora na comunidade há nove anos e diz que a comunidade tem uns 35 anos. Ela e Nêgo fazem as atividades da casa, onde pescam em Vila do São Jorge e plantam em um quintal do pai de Nêgo em outra parte de Membeca. O roçado do casal compõe algumas frutas como abacaxi, banana, açaí e verduras e em casa plantam: cheiro verde e salsinha. Nêgo tem habilidade para pescar, mas esses dias ele não pescou, pois consertou sua moto-serra e saiu para extrair madeira ganhando diária de serviço. Nêgo

considera mais acessível extrair madeira, pois consegue a renda mais fácil com a venda da madeira. A vida é difícil Célia argumenta, pois não trabalha mais com a extração da madeira, onde ela não entende o porquê da proibição

A gente escolhe a árvore, nós não derruba qualquer árvore, no roçado é pior, a gente abre um terreno enorme pra plantar, e é bom uma vez, na outra a mandioca já nasce pequena, agora pensa que temos que andar vinte quilômetros com a colheita, com o rio cheio é bom, a gente vai e traz de rabeta, quando é seco é uma tristeza (Célia, moradora da comunidade de São Jorge) .

Célia me conta que adora deixar seu quintal limpo, com o mato baixo, onde os vizinhos lhe elogiam e ela se sente bem, os moradores lhe disseram que tem o quintal mais bonito da comunidade, ela diz que agora está feio, pois no “inverno não dá, chove muito”.



Figura 6: Casa com o terreno com o barro a mostra do chão, demonstrando a assepsia da família.
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Percebemos na travessia do rio Manacapuru que algumas residências da comunidade estavam com o terreno ao redor da residência com o mato bem baixo, ou sem mato com barro aparecendo, perguntei da Célia e ela me argumentou que as pessoas das comunidades acham mais bonitas quando o terreno está com o mato bem baixo e algumas famílias deixam ao redor das casas sem o mato, aparecendo o barro, demonstrando assepsia dos moradores da casa para os “vizinhos”. Sua casa ainda não está acabada, Nêgo construiu com a madeira que extraiu por perto. Sem a atividade regular da madeira, Nêgo extrai madeira esporadicamente

recebendo por diária de serviço, uma base de trinta reais para ficar de manhã cedo até o final da tarde.



Figura 7: Terrenos capinados aparecendo o barro do chão.
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Saindo da casa de Célia percebi que estava esfarelada de bolacha e de leite em pó do café da manhã, quando voltei estava varrido e ela disse que tem que varrer três vezes ao dia por causa das crianças e do lado de fora uma vez por semana. Os três filhos de Célia estudam de manhã, porém essa semana os professores receberam o salário, com isso eles teriam direito a uns dias de folga para gastar o dinheiro na sede Manacapuru.



Figura 8: Casas das comunidades com o terreno bem capinado
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

De manhã fomos de rabeta para o outro lado da comunidade acompanhar o torneio de futebol de pênaltis. O torneio consiste em disputas de pênaltis em dupla, sendo que cada membro tem direito a perder somente duas cobranças. O torneio havia começado na noite

anterior com a participação de mais de cem duplas – moradores de outras comunidades. Ficaram no local a noite inteira os familiares e amigos dos competidores que estavam na final e quem vencesse levaria um porco adulto vivo de quase 90k. Esses torneios de futebol acontecem com frequência na região, onde a disputa de pênaltis é comum e acirrada pelos comunitários, pois preferem a disputa de pênaltis que a de futebol corrido ¹⁹. Crianças e adolescentes disputando pênaltis durante o dia, a qual é uma diversão que vi acontecer em todos os dias que passei na comunidade.

Vejo muitas embalagens plásticas jogadas na beira das casas como sacola plástica, garrafa pet e lata de alumínio. Na comunidade vejo uma disputa acirrada, pessoas eufóricas. Chegamos ao final da disputa, onde o irmão do Nego venceu a disputa. As pessoas que participaram do torneio estavam bebendo cerveja e cachaça durante a noite no decorrer do torneio, as embalagens de cerveja, de salgadinho, copo descartável, papel, vidro estavam por toda a parte do campo de futebol e ao redor das casas. No local onde estavam vendendo as bebidas da festa, a moça me disse que todo o lixo é recolhido e queimado.



Figura 9: Comércio da comunidade de Vila de São Jorge
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Depois do torneio fomos para parte onde há escola de ensino fundamental por vídeo e o posto de saúde da comunidade. Nessa parte há dois buracos que servem de lixão, onde os

¹⁹ Futebol tradicional com disputa de dois times com onze competidores de cada lado.

moradores depositam o lixo que queimam, tais como embalagens de plástico, papel, papelão e derivados e localizam-se próximo ao rio. Seu Raimundo – morador, disse que um deles foi feito esse ano de 2010, a qual não foi atingida pela enchente. Outros vizinhos dos lixões disseram que o lixo que está no local é queimado a qual os moradores sabem e concordam com os lixões. O “lixo que não queima”²⁰ é enterrado no quintal das casas pelos moradores.

“Esse lixo que tu viu lá, o pessoal espera encher o buraco, depois queima, o lixo que não queima cada família tem que enterrar, não pode jogar fora e deixar a aqui sujo não, agente não deixa”. (Seu Raimundo, conhecido como “Dedo-duro” pelos moradores)

Os moradores entrevistados argumentaram que o lixo “produzido” na comunidade é enterrado e queimado nos lixões e no quintal dos terrenos dos moradores, a qual é uma “consciência” que os moradores possuem há pouco tempo, pois os moradores que já moraram no local, ou as pessoas dos barcos recreios que transitam no rio quem joga o lixo no meio ambiente, a qual é visto constantemente os moradores e os tripulantes dos barcos jogando os resíduos no rio e na floresta, a qual eles me falaram que quando chega à época da vazante o rio diminui seu nível e o lixo “todo aparece” ao redor da comunidade deixando o ambiente “imundo”, “ofendendo” o meio ambiente a qual o Seu Sildomar da comunidade Nossa Senhora das Graças chama de “pescadores mal-educados”. Os moradores dificilmente confessaram que jogam “seu” lixo no meio ambiente.

Jogar o lixo no lixão comunitário e queimar ou enterrar o lixo é uma atividade que faz parte da vida social dos moradores das comunidades rurais, os moradores não gostam dos moradores que jogam o resíduo no meio ambiente. Os agentes de saúde das sedes administrativas das comunidades orientam aos moradores a fazer o processo de enterrar e

²⁰ Resíduos de ferro, aço e alumínio.

queimar os resíduos no quintal e no lixão. Os Órgãos públicos proíbem os moradores de jogar os resíduos no rio com propaganda no porto e na sede, mas na comunidade orienta os moradores a jogar o lixo no buraco para queimar e enterrar



Figura 10: Lixão da Comunidade de Vila de São Jorge na localidade de Membeca
Fonte: pesquisa de campo, 2009.

Na comunidade de Vila do São Jorge há dois buracos que são considerados lixões pelos moradores, o lixo é destinado no local pelos moradores, mas também pelo o funcionamento dos órgãos administrativos como a escola, o posto público e as associações dos moradores e dos produtores rurais despejam seu lixo nos buracos quando cheio são enterrados ou queimados. O buraco fica próximo ao rio, com a inundação do rio pela cheia os resíduos são absorvidos pelo rio. Na frente da comunidade os moradores dizem que aparece o lixo toda época de vazante, pois o rio diminui seu volume, aparecendo praias em torno da comunidade.



Figura 11: Lixão da Comunidade de Vila de São Jorge na localidade de Membeca
Fonte: pesquisa de campo, 2009.

Fui a uma reunião ²¹ da associação dos produtores rurais da localidade de Membeca com o intuito de saber como se dá a economia da comunidade através da produção rural e abastecimento das sedes de Manacapuru e Caapiranga com os produtos da comunidade, onde entender qual produção dominante da comunidade. Vimos a “apresentação de trabalho” sobre quais planejamentos a associação estava realizando na localidade comunidade de Vila de São Jorge em relação à produção agrícola e as necessidades da comunidade. Na pauta da reunião haveria também uma eleição da diretoria executiva da associação dos produtores rurais da comunidade de Membeca.



Figura 12: Reunião da Associação dos produtores rurais de Membeca

²¹ Reunião foi planejada para mostrar qual o plano de trabalho que a associação dos produtores rurais estava fazendo em relação à produção da agricultura da localidade de Membeca.

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Francisco Batista – Presidente da Associação dos produtores rurais argumenta que a plantação da “batata cará” da comunidade ser talvez a maior produção do país a qual recebe incentivo e pesquisa da FAPEAM, e que esta associação da sede de Caapiranga ser a única a ser reconhecida em Manaus, e que tem o convênio do Governo Federal com a CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento.

Francisco Batista fala que a comunidade foi contemplada com um caminhão pelo Governo Estadual, que ajudará com a condução da produção da comunidade e dos moradores, e que a questão do transporte para a sede Caapiranga fosse resolvida. O Município de Caapiranga localiza-se a algumas horas de ônibus da comunidade, este transporte vem sendo feito pela prefeitura de Caapiranga com um ônibus que faz o percurso por cinco reais de ida e volta. Em Caapiranga funciona o sinal de telefone, há caixa eletrônico de banco para moradores retirar benefícios e salários.

Francisco Batista fala que na comunidade não há transporte dos produtos para o município de Caapiranga para ser feita a feira do produtor, e em Manacapuru, Itacoatiara tem. Com o novo transporte poderá resolver esse problema, a qual os produtos sairão com mais facilidade da comunidade para a sede Caapiranga. Ele em seguida fala sobre outro projeto pretendido pela Associação que visa à construção de quarenta “casas populares” na comunidade e serão construídas na estrada para Caapiranga, e que a prioridade para as famílias que fazem parte da Associação dos Produtores Rurais, e para quem não tem casa ou tem uma casa em péssimo estado. Moradores da comunidade que não forem sócios da associação e que estiverem necessitando de uma casa receberão também. Esse plano anual João Batista fala que também estão lutando por uma biblioteca na comunidade.

Sobre o plano anual da produção rural para ser alcançados em 2010 com incentivos do Governo Federal em 365 milhões para infra-estrutura e alimentos para abastecer as instituições e para criação de uma biblioteca pública. A pesquisadora os mandou tirar uma foto de onde seria o local para construí-la. João Batista fala do incentivo do projeto gasoduto do município de Coari com a criação de galinha caipira de uma “casa de farinha modelo” para dez comunitários. A comunidade ganharia dez “vozes comunitárias”, onde os moradores teriam mais comunicação com a cidade de Manacapuru.

O projeto para criação na comunidade de “casa de plasticultura agrícola”²² a qual a será a primeira comunidade com uma, e serão produzidos alimentos de “boa qualidade para nossos filhos nos nossos quintais”. A feira do produtor será feita com ajuda do caminhão a qual será feito transporte dos produtos para o município de Caapiranga, onde o “atravessador” que lucra para transportar os produtos. O IDAM – Instituto de Desenvolvimento da Amazônia incentiva esse último projeto.

Depois da reunião pegamos uma canoa e fomos para casa de Célia, onde fomos para o “flutuante”²³. Fui tomar banho e Célia pescou oito peixes pequenos que serviriam para nosso jantar. Atrás da casa de Célia vejo embalagens de alumínio de salsicha, sardinha, almôndegas, conservas, óleo, de suco em pó, sacolas plásticas, balde plástico.

Na manhã seguinte conversando com Célia vi que ela se sente incomodada com o estado de sua casa, ela diz que o assoalho está encardido e que precisa varrer e passar pano em sua casa todos os dias, em seguida ela começa a varrer a casa. A vida de dona de casa e mãe é agitada com os três filhos pequenos e a falta de dinheiro para suprir a alimentação da família.

²² Casa coberta de plástico onde é plantado pimentão, tomate, pepino, couve e outros tipos de hortaliças.

²³ Local que fica uma estrutura de madeira na beira do rio, onde Célia e família usam para tomar banho, pescar, lavar louça e lavar roupa.

Seus filhos acordam às 6h para ir à escola. Com as crianças em casa o dia todo Célia não tem tempo para os fazeres da casa, pois as crianças acordam cedo, acostumadas com o horário da escola.

“To com nojo da minha casa, ela ta muito suja, não era assim, com esses meninos na aula durante o dia todo vou poder cuidar da minha casa melhor” (Célia, moradora da comunidade de Vila de São Jorge)

Célia fez o café, depois separou um monte de roupas “suja” e louça – o que a irritava bastante, pois era muita roupa e louça para limpar. Célia começou esfregar pano e colocar em “ordem” sua casa. O telhado da casa não tem o “capote”²⁴. De domingo para segunda passou à noite chovendo, o que molhou a casa.

Depois de tomar café, fui com Stênio para o outro lado para conversar com Mara, moradora da comunidade e ex-presidente da associação dos moradores de Membeca. Mara foi presidente da associação dos moradores de 2006 a 2008. Ela me contou que o “problema” do lixo na comunidade está no fato de que os tripulantes dos barcos recreios e outros barcos que passam e param na comunidade jogam o lixo no rio e quando chega à época da vazante o lixo todo aparece.

Um tempo atrás havia umas casas flutuantes na beira do rio, que os moradores dessas casas não tinham consciência de usar e recolher seu lixo para enterrar ou queimar, eles jogavam mesmo tudo no rio. (Mara, moradora de Vila de São Jorge)

Ela disse que quando foi presidente da associação dos moradores fazia “mutirão”²⁵. Os lixões, diz ela, não recolhem nem a metade do lixo da comunidade e que os moradores

²⁴ Tipo de telha que serve para por entre as telhas para não escorrer água do telhado de sua casa.

²⁵ Mara organizava a reunião dos moradores para recolherem os resíduos descartáveis da comunidade, os moradores recolhiam os resíduos que eram jogados na comunidade.

queimam e enterram seus resíduos nas suas casas. A água do rio “não ta mais boa”, pois está poluída pelos resíduos que já foram jogados ao longo de muito tempo, onde os comunitários demoraram muito para criar a “consciência” de não jogar os resíduos no rio, e sim enterrar ou queimar. Os resíduos que são queimados: embalagens plásticas, papel, papelão, etc. e os que enterram são as embalagens de vidro, ferro, alumínio, etc.

Na volta a casa, Célia e Nêgo estavam no quintal do terreno “apanhando” açaí, conseguindo apanhar três cachos de açaí. Estávamos observando a disputa amistosa de pênaltis de garotos de aproximadamente oito e dezesseis anos, garotos que disputavam com avidez as cobranças de pênaltis. Thaís, filha de treze anos de Célia me chamou para provar o açaí colhido pelo casal. O açaí muito delicioso estava numa panela grande reservada para servir uma refeição para a família e convidados.

Durante os dias que passei na comunidade vi que na casa de Célia, após o café da manhã e o almoço Célia acumulava a louça suja no balde de plástico grande a qual no fim do almoço estava cheio de louças a qual suas filhas iriam lavar no flutuante. A louça suja do almoço é lavada de manhã junto com a roupa dos membros da família.

Depois fui falar com o seu Arico a qual já foi presidente da Associação dos moradores, fui até sua casa, e estava com um amigo – Raimundo “dedo duro”, ficamos conversando sobre a comunidade de Membeca e Arico fala sobre a proibição da extração de madeira pelo IBAMA, a qual todas as árvores inclusive as pequenas os moradores deveriam aproveitar, inclusive as finas que são derrubadas pelas maiores, para não poluir os igarapés, pois agora está chegando à época de capinar e limpar a frente da vila, aparar a mata perto das residências para diminuir o foco e a disseminação do mosquito da febre amarela e malária, esse é um projeto da FNS – Fundação Nacional de Saúde. Os moradores consideram bonito o terreno com o mato bem baixo.

O que eu não entendo é que vem um helicóptero com seis a oito homens engravatados, chega pousando bem aí no campo, cada um com uma mala, dizendo que quer conversar, a gente para pra conversar e dizem pra gente derrubar para não pegar febre amarela e malária, eu digo ta, entendi doutor, depois vem outro pessoal do meio ambiente dizendo pra gente não derrubar nada, e as que derrubar, tem que dá um jeito de aproveitar. Eu disse pra eles, que pra vocês sentarem e decidirem o que a gente vai fazer, porque a gente aqui não sabe de nada, um fala uma coisa e o outro fala outra coisa, assim fica difícil [...]

Seu Arico fala que ele e outros moradores da comunidade foram pressionados pelo IBAMA por terem diminuído o mato dos terrenos das casas, e que foram orientados pela FNS a fazer isso. Moradores chegaram a jogar no rio moto-serra, para não serem apreendidas, e quando chegaram obrigaram os moradores a mergulharem no rio e recolherem a moto-serra. Os moradores justificaram a “limpeza” dos igarapés e da vila como uma orientação dada pela Fundação Nacional de Saúde, pois iria aumentar muito a contaminação da malária na região.

Arico diz que na beira do rio acumula muita “sujeira”, onde no verão aparecem umas “poças” de água e de lama, onde é ali que ficam as carapanãs “desovando”, segundo ele tirando a mata, seca as poças diminuindo o risco da malária e da febre amarela, morrendo o mosquito. Arico fala que eles não querem isso, pois “eles” têm um produto químico que jogam e “matam tudo”.

Eles vêm aqui, todos de palitô, dizendo o que a gente tem que fazer, o que a gente quer, não interessa para eles, um branquelo daqueles não sabem nem pisar na canoa, nem remar, tava um dia desses sofrendo no meio do rio com o remo. Dá próxima vez que eles virem vou falar para eles decidirem o que tem que ser feito mesmo, porque essa nossa vida aqui ta difícil, o pessoal do IBAMA chega aqui eles botam quente, tomam tua rede, se tu tiver com um caniço eles tomam, é horrível, um dia desses prenderam seis moto-serra de um compadre nosso, ainda multarem ele em doze mil.

Seu Raimundo fala que não entende o IBAMA, pois ao vender a moto-serra à pessoa tem que justificar a compra e tem que ter uma licença especial para usá-la, logo que chega à

comunidade, “o pessoal do IBAMA toma, prende e multa o dono da maquina”. Ele disse que o pessoal da comunidade vive da extração da madeira, que não tem “*emprego de nada, só o braçal*”. Sem comunicação com Manacapuru, abandonados por Caapiranga, são enganados pelos “engravatados” do Governo. Arico nos fala que tem um terreno, porém faz dois anos que não planta roça. Ele conta que tem um “*açaizal*”²⁶ em seu quintal.

Arico fala que é difícil comer enlatados, conservas, e que queima seu lixo no quintal, pois é “muito pouco”, ao contrário do outro lado da comunidade que localiza a escola que consome muito enlatado e o posto de saúde “faz muito lixo”. Segundo ele, um tempo atrás os moradores da comunidade tinham dificuldade com a água do rio, pois os moradores consideram a água do rio imprópria. Fizeram um poço artesiano, pois os moradores não consideram a água do rio limpa, que foi uma conquista de seu mandato, com incentivos do gasoduto de Coari.

“Essa água do rio, eu não joga lixo no rio, mas a água é suja, não é seu Raimundo?”

Arico fala que tem que comprar tudo em Manacapuru, pois em Caapiranga é complicado, é longe e sai dificilmente ônibus para levar as pessoas duas vezes por semana à sede Caapiranga. Perguntado sobre criar animais, ele fala que a comunidade não presta para criar, e que já criou muito, pois roubavam seus animais e que a comunidade serve só pra morar. Seu Raimundo fala que o melhor para a maioria dos comunitários seria a liberação da extração da madeira, Arico gostaria de incentivos a agricultura, por que “*todo mundo tem terreno*”. Ele reclamou que prometeram em Caapiranga sementes como incentivo a plantação de cebola e outros produtos de roçado, porém criaram um protocolo tão grande que ele desistiu.

²⁶ Plantação preponderante de açai.

Na enchente, Arico me conta que foi o maior prejuízo para as comunidades que ficam na várzea, pois quem perdeu o roçado receberia ajuda de custo do governo para se recuperar, ou poder esperar a vazante e poder plantar novamente e recuperar a renda da família. No entanto Arico disse que nunca recebeu nenhuma ajuda a qual prometeram aos moradores prejudicados.

Voltando a casa de Célia, percebo que ela está muito irritada, pois se queixa muito de suas filhas que têm “muita preguiça” com os “afazeres” da casa.

Eu fui criada com minha mãe, ela me criou para ser mulher que faz tudo, tenho 32 anos, sei fazer açai, não sei pescar bem, mas pego bastante peixes, sei torrar farinha, colho mandioca do meu roçado. Fui criada para ser dona de casa, gosto de deixar a casa sempre limpa, lavo roupa, louça, varro o quintal, capino pra deixar bem baixinho, sem lixo nenhum. Eu não sei por que essas meninas não querem fazer nada, eu já ensinei, mas elas não me obedecem. É tão bom quando os filhos obedecem aos pais, Deus acha muito bom, ele fica só olhando lá de cima

Célia completa dizendo que o fato das suas filhas não terem sido criadas com ela seja o fato que elas não queiram mais saber das “coisas da casa”. Ela queria que suas filhas lhe ajudassem na casa com a limpeza

Elas não querem fazer nada, mulher nova que não quer deixar a casa limpa, varrida, eu não sei como vai conseguir marido, vai acabar sozinha.

Fui tomar banho no flutuante, e Joice – filha de Célia estava lavando a louça, depois de ter ouvido bastante sua mãe reclamar dela, ela já estava no final da lavagem o que era

muita louça. Ela me contou que sua mãe reclama delas, mas ela é a única que deixa as panelas bem “arreadas”²⁷, e as roupas bem “batidas”²⁸.

Na volta para Manacapuru vejo a movimentação de ida e vinda de mercadorias quanto de pessoas onde paramos em quase todas as comunidades, vejo no barco “fardos”²⁹ de frutas como açaí e cupuaçu, banana e de roçado como farinha torrada e mandioca, caixas de isopor grandes com peixes para ser vendido na sede de Manacapuru.

²⁷ Louça considerada muito limpa a qual o alumínio fica brilhando.

²⁸ Caracteriza roupas com esmera limpeza, e que Célia sempre exige isso delas.

²⁹ Sacos de 50 k feitos de polietileno.

3. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.

A geração e descarte dos resíduos pelas famílias nas comunidades rurais são interessantes de pensar, pois alguns comunitários perguntados sobre aonde descartam, eles falam que não descartam no rio e na mata ou são os outros comunitários que jogam, ou outros barcos que passam pela comunidade, nunca é “ele” quem joga, porém vi ao redor de todas as casas das comunidades visitadas como Nossa Senhora das Graças e principalmente em Membeca lixo inorgânico descartado no chão ou flutuando na orla do rio a qual os moradores me argumentaram que quando o rio seca em Membeca “aparece” muito lixo.

Uma parte dos resíduos de plástico, papel e papelão é queimada pelos moradores no quintal das casas e nos buracos – lixões da comunidade. Os resíduos de vidro, ferro e outros metais são enterrados pelos moradores nos seus quintais e nos lixões comunitários. Em São Francisco do Paróa os moradores falaram que há a coleta de pilhas e baterias da comunidade duas ou três vezes ao ano.

Os moradores entrevistados na comunidade de Vila de São Jorge em Membeca que esse comportamento de queimar e enterrar o lixo são “consciências” que os moradores adquiriram recentemente, e tardiamente, a qual o lixo que emerge na vazante do rio é parte de uma “falta de consciência” dos moradores e em Nossa Senhora das Graças os entrevistados argumentam que é “falta de educação” e que os moradores demoraram a ter. A prefeitura de Caapiranga orienta os moradores a queimar e enterrar o lixo em suas casas ou fazer esse processo nos lixões da comunidade.

Entender o consumo e o descarte dos produtos “industrializados” numa comunidade rural mostra a “ação” da produção capitalista com a inserção de produtos de fácil descarte

numa comunidade rural, e seu descarte torna-se uma tragédia, pois todas as comunidades usam alguma porcentagem desses produtos e todas que visitei têm a orientação de queimar e enterrar o lixo, e outra porcentagem desses resíduos vai para o rio e para floresta.

Entender como se dá a entrada desses produtos no meio rural é uma tarefa interessante, pois haveria alguns aspectos econômicos e políticos que seriam notáveis de perceber como se dá a inserção desses produtos como uma “alternativa de se alimentarem” e “viverem” como a época da enchente e da vazante do rio, A proibição para extrair madeira, a cheia histórica de 2009 e sua vazante que modificou a vida social das comunidades da várzea onde as comunidades dessa área ficaram prejudicadas com a destruição das casas de farinha, das casas próximas ao rio e da produção do roçado.

Em Membeca, estava proibido o corte da madeira, o rio está cheio, a colheita do roçado está longe, e esses podem ser algumas percepções de como as famílias da comunidade estavam passando por dificuldades econômicas de geração de renda e de pouco alimento como a pesca e com a caça. Esses aspectos podem ter mudado os modos de alimentação, de consumo e de geração de renda das populações rurais que passaram a intensificar a compra de alimentos que eles normalmente não costumam ou gostam de comer, Célia usava o sarcasmo para expressar sua insatisfação e me pedia desculpas por não oferecer “algo melhor” ou que da próxima vez que eu fosse à comunidade ela pescaria e Nêgo caçaria pra gente comer melhor. Comemos ovos e enlatados dois dias seguidos, e ela disse brincando que quem come muito ovo torna-se homossexual depois de três meses, ou que ela estava quase “virando uma galinha” de tanto comer ovo.

Analisar quais as necessidades de consumo tanto de alimentos e produtos “domésticos” que são comprados e descartados de uma comunidade pesqueira como a Nossa Senhora das Graças, a qual os moradores compram os alimentos na sede de Manacapuru

mesmo tendo a atividade pesqueira, aonde as famílias não comem o peixe bagre que pescam, que usam para vender. Os moradores compram frango congelado, conserva em lata e toda uma gama de produtos industrializados para se alimentar. Em São Francisco do Paróa as famílias comem a farinha que torram e o peixe que pescam e compram óleo para o motor que gera energia, material para o roçado como inchada e terçado na sede de Manacapuru.

Diante da relação de produção do roçado das famílias moradoras em áreas rurais do Estado do Amazonas e sua relação com as sedes políticas dos municípios e a relação de troca entre produtos das duas dimensões sociais, pode-se entender que os comunitários compram produtos de embalagens de fácil descarte para se alimentar mesmo com a atividade de pesca, e agricultura. O meio rural

4. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Sandra M. M. Ecologia de A – Z: Pequeno dicionário de Ecologia - Ed LP&M de Delza de Freitas Menin. Universidade Católica de pelotas, Escola de Educação – Curso de bacharelado em Ecologia. Pelotas, Junho de 2000.

BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria. Trad. Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008. Pág. 40-65.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: Marx, modernismo e modernização. Companhia de Letras, São Paulo, 2007. Pág. 110-160.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976. Pág. 14-152.

FADINI, Almerinda Antônia Barbosa; FADINI, Paulo Sérgio. Lixo: desafios e compromissos, maio de 2001, São Paulo, SP.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora universidade Federal Paulista, 1991. Pág. 12-69.

GAUER, Chittó M. Ruth. Da diferença perigosa ao perigo da igualdade: reflexões em torno do paradoxo moderno. In: *Revista Civitas*, Porto Alegre, volume 5, nº 2. julho-dezembro de 2005. Pág. 399-413.

HAMIDA, Assunção Pereira. Fronteiras da vida: o tradicional e o moderno no cacau Pirêra/Iranduba, Manaus, 2006. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Pág. 19-45.

LIPOVESTSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: companhia das Letras, 1989. Pág. 150-170.

RODRIGUES, José Carlos Rodrigues. Ensaio em antropologia do poder. In: O tabu do corpo. Rio de Janeiro, 1992.